

#FICTIONPRACTICE

#AFROSURREALISM

#ONTOLOGICALODDITIES

#DARKCONSERVATION

#ALTERNATIVEPEDAGOGY

#FICTIONPRACTICE

#EXTRAREAL

#IMPOSSIBLEOBJECTS

#CRITICALFABULATIONS

#RE-EDIT

#FICTIONPRACTICE

#AFROSURREALISM

#ONTOLOGICALODDITIES

#DARKCONSERVATION

#ALTERNATIVEPEDAGOGY

#FICTIONPRACTICE

#EXTRAREAL

#IMPOSSIBLEOBJECTS

#CRITICALFABULATIONS

#RE-EDIT

#FICTIONPRACTICE

#FICTIONPRACTICE

FICÇÃO PRÁTICA / PRÁTICA DA FICÇÃO

Em "Der Erzähler" (O Narrador), ensaio publicado na revista *Örçetl uyg̃ Okz̃deñ̃t* em 1936, Walter Benjamin define a narrativa como a forma artesanal da comunicação. A ideia de produção artesanal pressupõe uma relação de envolvimento com o conteúdo narrado, sugerindo uma dimensão procedural através da qual o conteúdo se constrói na sucessão performática de atos discursivos, e uma dimensão subjetiva, através da qual a intencionalidade do narrador se reflete na coisa narrada.

Recordando a sua ancoragem original na tradição oral, Ernesto de Sousa, numa comunicação-ensaio apresentada no 1.º Encontro de Críticos de Arte Portugueses (1968), falava da oralidade enquanto futuro da arte, como se o autêntico discurso crítico, na sua expressão textual, visual ou intersemiótica, ambicionasse a recuperação metodológica da narrativa ficcional herdeira da tradição oral de contar uma história.

Na sua análise dos dispositivos de funcionamento do discurso dominante e dos mecanismos que lhes estão associados e tendem a legitimar essa dominância, Michel Foucault referia que, para analisar um discurso dominante — condição de possibilidade para a constituição de discursos alternativos —, era necessário pôr em prática “princípios de inversão” (capazes de recolocar o que no discurso dominante se excluiu, se limitou, se silenciou, se deturpou, se apropriou). A ficção representa uma forma possível de pôr em prática alguns desses princípios de inversão.

PRACTICAL FICTION/ PRACTICE OF FICTION

In “Der Erzähler” (The Narrator), an essay published in the *Örçetl uyg̃ Okz̃deñ̃t* magazine in 1936, Walter Benjamin defines narrative as the artisanal form of communication. The idea of artisanal production presupposed a relation of involvement with the narrated content, suggesting a procedural dimension through which the content is constructed in a sequenced performance of discursive acts and a subjective dimension through which the narrator's intention is reflected into the narrated thing.

Recalling his original anchoring in the oral tradition, Ernesto de Sousa, in an essay-communication presented in the 1st Meeting of Portuguese Art Critic (1968), referred to orality as the future of art, as if the authentic critical discourse, in its textual, visual or intersemiotic expression, strove for the methodological recovery of fictional narrative, heir to the oral tradition of storytelling.

In his analysis on the operating devices of the dominant discourse and its associated mechanisms, which tend to legitimate that dominance, Michel Foucault stated that in order to analyse a dominant discourse — the condition for the possibility of constituting alternative discourses — it was necessary to put into practice “reversal principles” (capable of replacing what was excluded, limited, silenced, distorted, appropriated from the dominant discourse). Fiction represents a possible way of putting into practice some of those reversal principles.

No início deste século o n.º 2 da revista *Vol. Vol. Vol.* (inverno 2000) publicou “I'm only a designer: The double life of Ernest Bettler”, texto no qual Christopher Wilson cria, com significativo impacto no campo da teoria do design, um designer fictício para a partir dele refletir sobre questões ligadas à ética e à responsabilidade social e política em design. No final da década, aquando da publicação do ensaio de Julian Bleecker “Design Fiction: A Short essay on design, science, fact and fiction”, “design fiction” e “speculative design” são já ferramentas largamente exploradas pela prática crítica em design. Como diz Gilles Deleuze, “nós pertencemos a dispositivos, e agimos no seu interior. À novidade de um dispositivo em relação aos precedentes, chamamos a sua actualidade, a nossa actualidade. O novo é o atual. O atual não é o que nós somos, mas antes o que devemos.” (Gilles Deleuze, “Qu'est-ce qu'un dispositif?”, in AAVV, *Héritage Foucault Philosophie*, Paris, Seuil, 1989, pp. 190-191). Por princípio, a prática crítica ocupa-se de uma projeção deste devir. Efetivamente, a Teoria Crítica não reduz a realidade ao que, num dado momento, está constituído, mas entende-a como um campo de possibilidades e entende-se como um exercício de crítica sobre as alternativas ao que está empiricamente dado.

Se associar utopia à ficção faz sentido, é precisamente por a utopia poder ser entendida enquanto prática concreta. Em *Ideología e Utopía* (1991), Paul Ricoeur esclarecia que “[t]al como a ideologia opera a três níveis — distorção, legitimização e identificação — também a utopia funciona a três níveis”. Onde a ideologia é distorção, a utopia é o imaginário, o alargamento das

possibilidades de realização; onde a ideologia é legitimação, a utopia propõe alternativas ao poder existente; onde a ideologia procura consolidar estruturas identitárias dominantes, a utopia é a exploração integradora das identidades possíveis.

Ricoeur evidencia como a “imaginação social” é potencialmente constitutiva da “realidade social”. Uma das tarefas da ficção é expandir as possibilidades de “imaginação social” enquanto processo crítico de mediação com a realidade, a realidade dada e a realidade em devir.

Ao trazer a prática ficcional para o centro da primeira edição do *Ficción Práctica*: *Young Curators Lab*, Mariana Pestana introduz uma proposta radical: no sentido etimológico do termo “radical”, partir da raiz na qual a realidade se conforma e orientar a prática curatorial em design para uma dimensão crítica e política através da qual, ao ser metodicamente pensada, a realidade se reconfigura e se projeta.

No âmbito da programação de *Post Hellenicum Genesis*, o *Young Curators Lab* dificilmente poderia ter uma orientação mais pertinente. Ao longo de quatro cursos, conduzidos por figuras instigantes da curadoria e da prática crítica em design — Malique Mohamud e Marina Otero Verzier; Anthony Dunne e Fiona Raby; Dani Admiss; Jan Boelen e Vera Sacchetti — explora-se a ficção como processo de criação de narrativas sobre o presente que, certamente, perspetivam o futuro que se encontra em construção.

O *Ficción Práctica* é um laboratório de curadoria expandida e foi criado com o objetivo de imaginar novas relações entre objetos e ideias. Durante uma semana, deu-se vida a impossibilidades, remisturaram-se histórias e artefactos, revelaram-se dimensões paralelas, inventaram-se fábulas críticas, construíram-se surpresas ontológicas, imaginaram-se outros mundos. Em suma, ampliamos modos de pensar para pôr em prática hipóteses e refletir sobre formas de mudar a realidade.

Por oposição ao que pode considerar-se uma ficção ‘limpa’, praticada nos estiradores dos ateliers de design ou arquitetura, nas atmosferas simuladas dos renderers de computador ou nos ambientes isolados dos estúdios de produção, este laboratório celebra os exercícios ficcionais que têm lugar na realidade concreta do espaço expositivo, juntamente com os seus visitantes. Interessam-nos questões como: pode a exposição pôr em prática uma ficção? Em que medida pode o contexto expositivo atualizar possibilidades, tornando-as reais por um dado período de tempo?

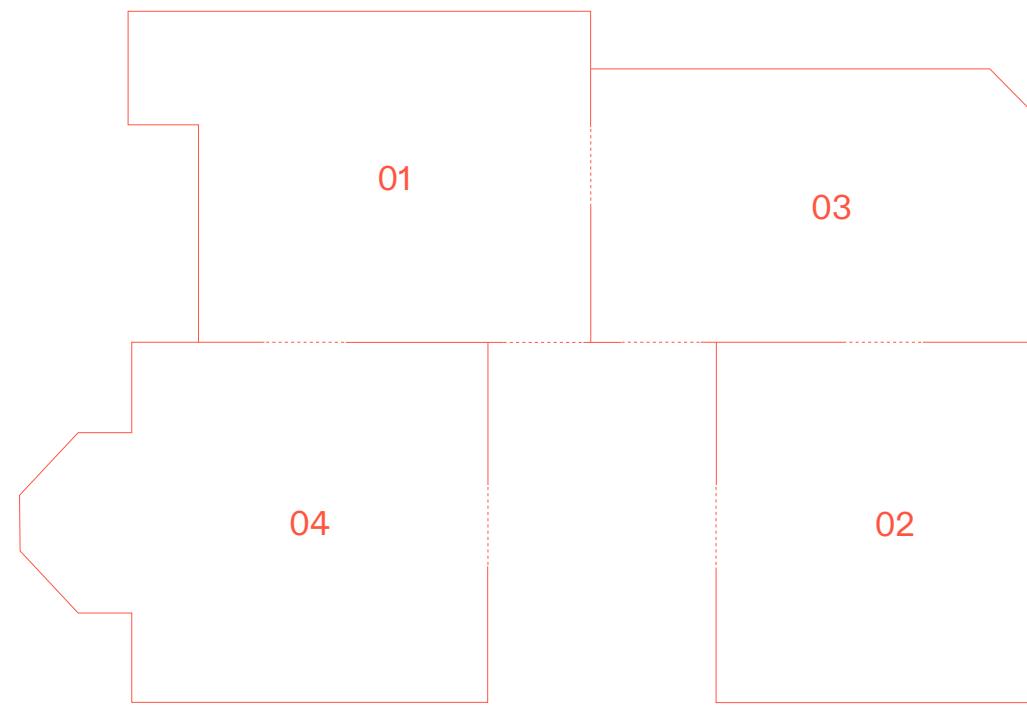
Convidámos um conjunto de pensadores, curadores e designers contemporâneos a dirigir quatro workshops, cada um sob a forma de uma instituição ficcional — um arquivo, uma assembleia, um comité e uma escola. Cada instituição gerou um grupo de trabalho que, através de ferramentas como design especulativo, Afrossurrealismo, fábulas críticas e pedagogias alternativas, explorou o potencial da ficção enquanto instrumento de transformação social. Este trabalho conjunto deu origem a quatro instalações que agora se abrem ao público numa exposição coletiva.

This is *Ficción Práctica*, a laboratory of expanded curatorship created with the aim to imagine new relationships between objects and ideas. Here we brought impossibilities to life, remixed histories and artefacts, disclosed parallel dimensions, invented critical fabulations, modelled ontological oddities, designed other worlds. In short, we stretched our imaginations to enact possibilities, prototype the otherworldly and think about how reality can change.

In opposition to what could be termed a ‘clean’ fiction, practised on the drawing boards of design ateliers, in the simulated atmospheres of computer renders or in the secluded environments of production studios, this lab celebrates fictional exercises that take place in the concrete reality of the exhibition space, together with its visitors. We are interested in asking: can an exhibition enact a fiction? To what extent can the exhibition actualise possibilities by making them real for a period of time?

We invited key contemporary thinkers, curators and designers to lead four workshops each taking the form of a fictional institution — an archive, an assembly, a committee and a school. Each institution generated a working group. Using tools such as speculative design, Afro-surrealism, critical fabulations and re-edited pedagogies, we explored the potential of fiction as a tool for social change. This process generated four installations that are now open to the public as a collective exhibition.

- 01 ASSEMBLY FOR THE EXTRA REAL
 02 AN ARCHIVE OF IMPOSSIBLE OBJECTS
 03 THE ETHICS COMMITTEE OF DARK CONSERVATION
 04 DESIGN AS LEARNING: RE-EDIT



ASSEMBLY FOR THE EXTRA REAL Oréntado por Mílque Mofhamu e Mariña Otero Verzíer, com Ibiúe Campr

Bem-vindos ao domínio do estranho, do absolutamente bizarro, do extraordinário. Bem-vindos ao sobrenatural. Convidamos-vos a imaginar algo além do que está mesmo à vossa frente; a desenharem outro mundo ao lado deste. Desenvolvendo-se através do prisma do Afro-surrealismo, esta dimensão paralela mobilizou e remisturou histórias orais, artefactos deslocados, imagens e batidas circulantes que comentam questões de identidade, poder e formas de representação dentro do espaço da exposição, da instituição cultural e além.

A recriação da histórica sala onde a Conferência de Berlim (1884-85) teve lugar serviu-nos de sede. A sala, onde ficou formalizada a divisão e colonização de África pelos países europeus — conhecida, em inglês, por Scramble for África —, bem como o absurdo do acontecimento, estão agora disponíveis para serem reapropriados e rebatidos. Foi lá dentro, sob o disfarce de curadores, que nos envolvemos no design na prática da pesquisa, narrativas transmedia e formas de ativismo. Armados de imaginações diáspóricas, o nosso objetivo não foi outro senão criar um comité para lutar (scramble) pelo nosso presente coletivo, começando pelo território da Europa.

AN ARCHIVE OF IMPOSSIBLE OBJECTS Lied by Mílque Mofhamu and Mariña Otero Verzíer, with Ibiúe Campr

Welcome to the weird, the sheer bizarre, the extraordinary. To the otherworldly. We invite you to imagine something more than what is right in front of you; to design another world next to this one. Unfolding through the lens of Afro-Surrealism, this parallel dimension mobilized and remixed oral histories, displaced artefacts, circulating images and beats to comment on identity, power and forms of representation within the space of the exhibition. A re-enactment of the historic room where the Berlin Conference (1884-85) was convened to serve as our headquarters.

The room, one of the stages where the so-called Scramble for Africa formalized, and the absurdity of its history, are now available to be re-appropriated and countered. Inside, disguised as curators, we engage in the design and practice of research, transmedia narratives, and forms of activism. Armed with diasporic imaginations, our aim was no other than creating a committee for the scramble for our collective present, starting from the territory of Europe.

This is a space to discuss, share and explore ideas along these lines and to think about how such a space might exist in a society, what it might contain, and how it is made accessible to different publics. During the workshop we developed proposals for new impossible objects that expanded the archive. Illustrations by Juhee Hahm.

AN ARCHIVE OF IMPOSSIBLE OBJECTS Oréntado por Mílque & Raby

O Arhive of Impossibile Objects é uma plataforma para explorar outros sistemas de realidade que expandam a nossa imaginação de formas que nos permitem não apenas imaginar de que modo as coisas poderiam ser diferentes, mas também refletir sobre como as nossas formas de pensar acerca da realidade podem mudar. Neste contexto, “impossível” não significa mais do que o nosso estreito entendimento daquilo que consideramos real ou irreal. Há outros “reais” que permitem a existência de muitas possibilidades diferentes — a literatura, as margens liminares da ciência, as culturas e ontologias não-ocidentais, a filosofia. Quanto aos objetos, aqui pensamos sobretudo em modelos e não tanto em produtos ou protótipos. Modelos enquanto ideias concretas, substitutos físicos de outras realidades, impossibilis, abstracta e bizarrias ontológicas.

Este workshop gerou um espaço de discussão, partilha e exploração de ideias dentro destes moldes, permitindo a reflexão sobre formas de tornar possível a existência destes espaços numa sociedade, o que podem conter e de que modo podem ser acessíveis a diferentes públicos. Ao longo do workshop desenvolvemos propostas para novos objetos impossíveis que expandiram o arquivo. Ilustrações de Juhee Hahm.

THE ETHICS COMMITTEE OF DARK CONSERVATION Lied by Mílque and Gillian Russell with Prof. Ana Sofia Carvalho

The Ethics Committee of Dark Conservation is a fictional bureau dedicated to reimagining new ways of curating for a planet threatened by global warming. As a rule, ethical approaches in curating are limited to thinking about what we choose to preserve for future generations and how we should work with others. Interlinking environmental and economic crises, as well as new technological approaches to conservation practices, are radically changing how we live and provoke a reconsideration of what are our collective ‘values’. For instance, new genetic engineering processes mean scientists can switch species’ genes on and off to make them more resilient to climate change.

How does this change our thinking about what can and should be passed on? Against this earthly-bound backdrop, we considered how relations across humans, machines and non-human species are involved in world-making and, in turn, how this might inform future ethical practice for curating. We worked with a local bioethicist and an international design anthropologist to consider the ethical questions that emerge from political and scientific developments and imaginatively experiment with their potential to radically change how curators engage in the acts of preservation and display – from caring for to caring with.

THE ETHICS COMMITTEE OF DARK CONSERVATION Oréntado por Mílque & Raby

The Ethics Committee of Dark Conservation é um gabinete fictício, dedicado a reimpar formas curatoriais num planeta ameaçado pelo aquecimento global. Por norma, as abordagens éticas à curadoria limitam-se a refletir sobre aquilo que escolhemos preservar para as gerações futuras e sobre como deveríamos trabalhar com os outros. As crises ambientais e económicas interligadas, assim como novas abordagens tecnológicas às práticas de conservação, estão a mudar radicalmente o nosso modo de vida e a levar-nos a reconsiderar os nossos ‘valores’ coletivos. Por exemplo, novos processos de manipulação genética permitem aos cientistas ‘ligar’ e ‘desligar’ os genes das espécies de modo a torná-las resilientes em climas extremos.

De que forma esta realidade afeta o nosso entendimento sobre o que pode e deve ser passado à posteridade? Com este cenário de realidade terrena em pano de fundo, ponderamos de que forma as relações entre humanos, máquinas e espécies não-humanas estão envolvidas no processo de fazer-o-possível e, por sua vez, como pode isso informar uma prática ética da curadoria no futuro. Trabalhamos com uma especialista local em bioética e com um antropólogo de design internacional para pensar as questões éticas que derivam dos desenvolvimentos políticos e científicos e experimentámos imaginativamente o seu potencial para mudar radicalmente o modo como os curadores participam nos atos de preservação e exibição — passando de cuidar de para cuidar com.

DESIGN AS LEARNING: RE-EDIT Lied by Mílque and Vera Saccettí

Why do design? What is design for? These are forward-looking questions for a creative discipline that seems more slippery to define than ever. In a world of dwindling natural resources, exhausted social and political systems, and an overload of information, there are many urgent reasons to reimagine the design discipline, and there is a growing need to look at design education. Learning and unlearning should become part of an ongoing educational practice. We need new proposals for how to organise society, how to structure our governments, how to live with, not against, the planet, how to sift fact from fiction, how to relate to each other, and frankly, how to simply survive.

This workshop took as a starting point the Design As Learning: A School of Schools Reader publication, produced on the occasion of the 4th Istanbul Design Biennial, A School of Schools. Through a series of group readings, discussions and site visits, we looked at design education from a wide variety of angles, from its power structures to the spaces where it takes place, and considered how various alternative pedagogical models have been implemented throughout time. These readings, visits and reflections are re-thought, re-hashed and re-edited to form new reflections and alternative pathways for design, education and design education.

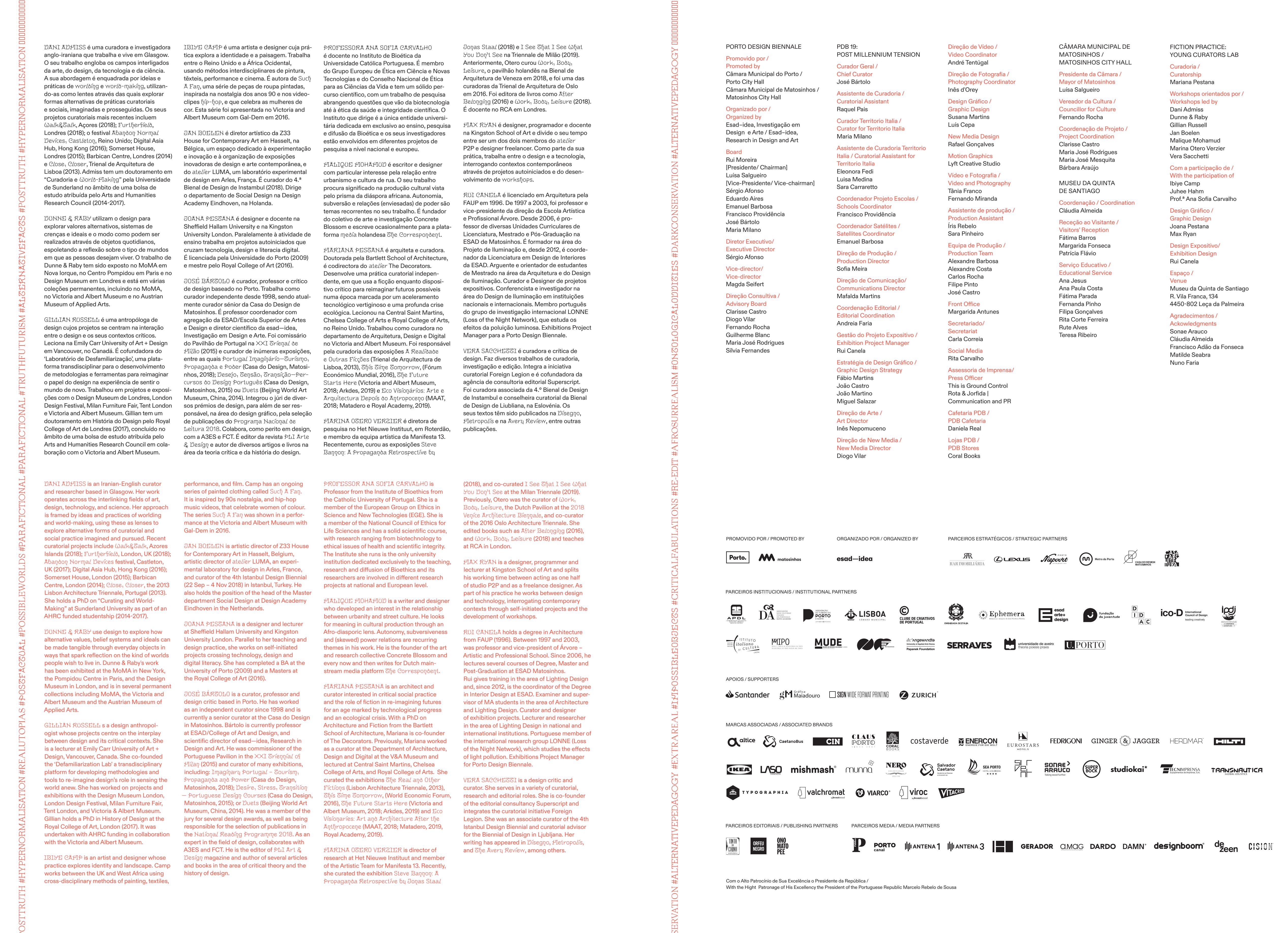
DESIGN AS LEARNING: RE-EDIT Oréntado por Mílque e Vera Saccettí

Porquê fazer design? Qual é o propósito do design? Estas são questões propositivas para uma disciplina criativa que, mais do que nunca, se figura esquiva a definições. Num mundo de recursos naturais depauperados, sistemas políticos e sociais exauridos, submetido a uma sobrecarga de informação, há muitos motivos urgentes para repensar a disciplina do design e uma necessidade crescente de nos focarmos na formação em design. Aprender e desaprender deveriam tornar-se processos integrantes de uma prática educativa contínua. Precisamos de novas propostas de organização social e de estruturação governativa, novas formas de viver com — e não contra — o planeta, de aprender a separar factos de ficções e de nos relacionarmos com cada um e, sinceramente, de simplesmente sobreviver.

Este workshop tomou como ponto de partida a publicação Design as Learning: A School of Schools Reader, produzida aquando da 4.ª Bienal de Design de Istambul, A School of Schools. Através de uma série de leituras coletivas, discussões e visitas *in situ*, olhámos para a formação em design através de diversos prismas, considerando de que modo diferentes modelos pedagógicos educativos têm sido implementados ao longo do tempo. Estas leituras, visitas e reflexões foram repensadas e reeditadas para dar forma a novas reflexões e caminhos alternativos para o design, a educação e a formação em design.

Participantes / Participants

Ósge Xábari
 João Ázevedo
 Roza Ághághy
 Luís Cepa
 Desirée Desmarais
 Iaura Ferreira
 Pete Fung
 Juan Gomez
 Beatriz de Lima Graça
 Sebastião Ioan
 Craig Jeffcott
 Gabriele Leo
 Alice Storí Leichtenstein
 Mílque Lopes
 Grazia Mappà
 Mílque Mofhamu
 Clara Melián
 Filipe Paula Meneses
 Carlos Álvarez Miesquita
 Paula Nasciménto
 Mílque Osowski
 João Pereira
 Nestor Pestana
 Mílque Piquet Restivo
 Guglielmo Rossi
 Mílque Salamaques
 Zanja Seifer
 Samer Shamshe
 Luisa Simenya So
 Kai Zügel
 Francisco Moura Veiga
 Mílque Ruiz Vilar



#WORLDWIDE

#FICTIONPRACTICE

#REALUTOPIAS

#POSTFACTUAL

#POSSIBLEWORLDS

#PARAFICTIONAL

#FICTIONPRACTICE

#TRUTHFUTURISM

#ALTERNATIVEFACTS

#POSTTRUTH

#HYPERNORMALISATION

#FICTIONPRACTICE

#REALUTOPIAS

#POSTFACTUAL

#POSSIBLEWORLDS

#PARAFICTIONAL

#FICTIONPRACTICE

#TRUTHFUTURISM

#ALTERNATIVEFACTS

#POSTTRUTH

#HYPERNORMALISATION

#FICTIONPRACTICE

#WORLDWIDE

P

D

B

PORTO
DESIGN
BIENNALE
2019